

**A feminilidade como humanidade e a Guerra como conhecimento venenoso:
Análise da obra “A guerra não tem rosto de mulher” pela perspectiva da
antropologia do sofrimento.¹**

Laura Mostaro Pimentel (UFJF)²

Resumo

No presente trabalho proponho uma análise das relações entre gênero, momentos extremos da vida e memória através de uma leitura pela antropologia das emoções da obra “A guerra não tem rosto de mulher”, da jornalista ucraniana Svetlana Aleksievitch. Nesta se misturam elementos de literatura, relato histórico e jornalismo, sendo apresentadas narrativas das experiências vividas por mulheres que integraram o Exército Vermelho na II Guerra Mundial. Os momentos de ingresso na guerra, vida no combate e retorno à vida civil são marcados na vida dessas mulheres pelas mudanças de comportamento exigidas, estando presente a tensão entre o sujeito genericado feminino e a situação de guerra, socialmente lida como masculina. A experiência contraditória de viver como mulher em uma situação não compreensível como parte da lógica feminina e os trânsitos temporais entre o momento presente e o passado relatado são então explorados através de categorias da antropologia do sofrimento, como emoção (Lutz, 1998), gestão da memória (Pollak, 2010), evento crítico e conhecimento venenoso (Veena Das, 1995; 2011), possibilitando que se reflita sobre o uso de narrativas de construção de feminilidade como estratégia de resgate de humanidade na situação da guerra e como essas memórias e experiências foram manejadas após o término desta.

Palavras-chave: Gênero; Antropologia das emoções; Literatura.

I. Introdução

A obra “A guerra não tem rosto de mulher”, da jornalista ucraniana Svetlana Aleksievitch, apresenta relatos de mulheres que integraram o Exército Vermelho durante a II Guerra Mundial³, ou que participaram deste combate de alguma forma. São narradas memórias e acontecimentos abordando o “humano” da guerra, intercalados com intercorrências na produção do livro e com sentimentos próprios da autora. Tendo em mente que não se trata de um trabalho etnográfico, ainda assim é possível aplicar alguns paradigmas do fazer da antropologia do sofrimento em uma análise do livro, o que me proponho a fazer no presente artigo.

A oposição guerra-paz, vida-morte, cuidado-descaso são algumas das classificações genericadas mais claramente conhecidas. “Guerra não tem rosto de mulher” explicita que aquilo que por definição é de violência e de morte não é pensado

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFJF, advogada, graduada em Direito pela UFJF. Contato: lauramostaro@gmail.com.

³ Doravante tratada como “Guerra”, por questões de simplificação.

como um *locus* feminino, já que a mulher é o ser que “dá a vida”⁴. Apesar dessa aparente incompatibilidade mulheres participaram de guerras⁵, ainda que sua participação raramente tenha entrado para a história.

O feminino é apagado da história e as tensões são esquecidas sob o manto da grandiosidade heroica masculina que representa tanto a vitória quanto a derrota. A partir dos relatos apresentados pela autora é possível se questionar como foi essa experiência contraditória de viver como mulher em uma situação não compreensível como parte da lógica feminina. A transição da vida comum, em que eram definidas por sua feminilidade, para a Guerra, onde não há feminino, e depois de volta para a vida civil são pontos de tensão em que as combatentes tinham que reajustar suas vidas e emoções a contextos sociais inóspitos.

Tendo em vista o referencial teórico da antropologia do sofrimento, busco analisar no presente trabalho as narrativas de construção de feminilidade como estratégia de resgate de humanidade na situação da guerra e como essas memórias e experiências foram manejadas após o término desta. Através das lembranças da vida “normal” dessas mulheres que se viram – às vezes ainda crianças, muitas vezes iludidas pelas idealizações de glórias nacionais, por amor à pátria ou à família – inseridas em um ambiente hostil que confrontava todo seu conhecimento e vivência prévios, inclusive negando-lhes o que as definia dentro do grupo social, foram construídas as narrativas de feminilidade, ligando todas essas existências.

Mesmo dentro da guerra suas vivências eram generificadas, apresentadas sempre em contraste com a inocência do antes e o que foi o depois. Nos relatos pode-se perceber a experiência da Guerra como insolúvel no que era feminino, mas ainda assim o feminino era resgatado em alguns momentos, e destes pequenos momentos de menstruação, vaidade, dificuldades, brincadeiras ou companheirismo com outras mulheres pode-se tentar estabelecer um resgate de sua humanidade naquela situação extrema.

A apresentação das emoções como dinâmicas narrativas, levando-se em consideração os contextos em que foram produzidas e a reformulação da vida marcada por um evento crítico⁶ possibilita que a obra seja analisada como uma compilação de testemunhos relacionados ao sofrimento.

⁴ “E é ainda mais insuportável e angustiante matar, porque a mulher dá a vida. Presenteia. Carrega-a por muito tempo dentro de si, cria. Entendi que para as mulheres é mais difícil matar.” (ALEKSIÉVITCH, 2016:21).

⁵ (ALEKSIÉVITCH, 2016:7-8).

⁶ Seguindo o conceito trabalhado por Veena Das (1995), ao qual se retornará no decorrer do presente artigo.

Os relatos trazidos no livro estabelecem interlocução entre passado e presente, entre a vida que essas mulheres tiveram antes, durante e depois da Guerra, experiências tão díspares que o sentimento é de vidas distintas⁷. Entrevistadas afirmam terem buscado esquecer o que havia ocorrido, fazer outras roupas dos uniformes, queimar qualquer lembrança referente ao tempo de guerra⁸. Esse tempo, o do trabalho posterior de esquecimento, também integra os relatos, assim como o tempo e a memória da autora, que viveu a guerra pelas histórias com as quais cresceu e por aquelas que coletou em seu trabalho.

As mulheres soviéticas atuaram em diversas profissões e funções, e à diversidade de relatos corresponde a diversidade de vivências: não houve uma Guerra, mas várias, segundo o que cada grupo, cada enfermeira, cirurgiã, piloto, navegadora, motorista, partisan, comunicadora, dentre outras, viveu⁹. Cada uma dessas guerras foi silenciada no retorno ao “normal”, tanto através do apagamento direto promovido pelas famílias como na negação do que havia de humano na guerra para sua transformação em narrativa de propaganda governamental.

A obra chegou a ser rejeitada, dentre outros motivos por conjugar esses dois elementos supostamente inconciliáveis, guerra e mulheres¹⁰. Guerras não são assunto de mulher, mas durante a Guerra foi, e continuou sendo por muito tempo depois, na solidariedade de conversas, nos encontros comemorativos de aniversário de batalhas e nas memórias que não se conseguia apagar.

II. A feminilidade como linguagem de humanidade

As meninas vinham para a escola com tranças longas... Com penteados... Eu também usava uma trança em volta da cabeça... Mas como ia lavar? Onde secar? Você tinha acabado de lavar e vinha um alarme, precisava sair correndo. Nossa comandante, Marina Raskova, mandou todas cortarem as tranças. As meninas cortavam e choravam. (...) Vestidos, sapatos de salto... Nos lastimávamos tanto por eles que os escondíamos em um saquinho. De dia usávamos

⁷ “Eu era atiradora de metralhadora. Matei tanta gente... Depois da guerra passei muito tempo com medo de engravidar. Engravidar quando me acalmei, sete anos depois... (...) Acho que vivi duas vidas: uma como homem, outra como mulher...” (ALEKSIÉVITCH, 2016:40).

⁸ “Queríamos nos afastar da guerra o quanto antes. Rapidinho usei o capote para costurar um casaco, troquei os botões. Vendi os coturnos em uma feira e comprei sapatos. Na primeira vez que usei um vestido, me afoguei em lágrimas. Eu mesma não me reconhecia no espelho, estava havia quatro anos usando calças.” (ALEKSIÉVITCH, 2016:156).

⁹ Por questão de simplificação e homogeneização dos relatos, me referirei a todas como “combatentes”.

¹⁰ “Guerra é coisa de homem. O que foi, por acaso tem pouco homem sobre quem escrever no seu livro?” (ALEKSIÉVITCH, 2016:117).

botas, e de noite, nem que fosse um pouquinho, calçávamos os sapatos na frente do espelho. Raskova viu, e uns dias depois veio a ordem: devíamos mandar toda a roupa feminina para casa nas remessas. Pois bem! (ALEKSIÉVITCH, 2016:98-99)

Os relatos pessoais apresentados no livro retratam lembranças do passado que pode ser situado em três tempos distintos: a infância anterior à Guerra, a vida na Guerra e o retorno à sociedade em tempos de paz. As dinâmicas de construção de feminilidade são marcantes nestes tempos e dialogam com eles, ajudando a definir o que os separa e o que os une. Essas dinâmicas são tratadas pelas combatentes de tal modo que podem ser analisadas como geradoras de emoções, sejam de conforto ou de desconforto, e também criadoras de vínculos entre as mulheres.

O contexto cultural em que são produzidas as emoções¹¹, tanto as narradas no passado como as encontradas na coleta dos testemunhos, deve ser observado em todos os momentos. A autora, apesar de não ter vivido a Guerra, compartilha do contexto cultural das combatentes. As emoções integram a construção da narrativa e da experiência vivida, e assim eram compartilhadas pelas mulheres na guerra e pela jornalista ao coletar os testemunhos. Este é um dos elementos que permite diferenciar o trabalho no livro de um trabalho etnográfico: os sentimentos da autora também compõem a história, ela é ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa que realizou.

Transparecem nos relatos, além da vivência da morte e da violência na guerra, o sofrimento relacionado à dificuldade em enquadrar a pessoa que se conhecia, e através da qual se reconhecia como pessoa, na dinâmica masculina da guerra. Antes mesmo de entrarem em qualquer combate, elas já eram privadas daquilo que caracterizava sua existência no mundo dicotômico de gênero: a feminilidade.

Os elementos de construção de gênero não são simplesmente opressões ou coerções da sociedade sobre as pessoas, mas integram toda a rede de construção social e de relações de poder na qual estamos inseridos. A formação da compreensão do indivíduo, sua própria percepção como sujeito, se realiza através de formas culturais diversas, dentre elas o gênero. Na grande maioria das sociedades ocidentais modernas, há a atribuição do sexo e do gênero com o nascimento e todas as interações com o mundo social ocorrem com essa atribuição, através dela.

¹¹ BEATTY, Andrew. How did it feel for you? Emotion, narrative, and the limits of ethnography. **American Anthropologist**, v. 112, n. 3, p. 430-443, 2010.

Como se vivencia a infância e a vida adulta, tudo se dá dentro de expectativas de “coisas de menino” e “coisas de menina”. Essa atribuição não apenas define como o mundo percebe o sujeito, mas também como o sujeito se percebe na sociedade. Não pretendo analisar aspectos de dominação masculina ou de relações de poder relacionadas à construção de gênero, apenas apontar a relação dessa construção com a vivência da guerra nos relatos do livro objeto de análise.

Além de terem rompido os contatos com a família para adentrarem na atividade – frequentemente considerada um dever – elas também deveriam abdicar de diversos elementos da pessoa que eram e pelos quais eram compreendidas no mundo. Eram impostas outras dinâmicas, diferentes do universo doméstico e social que conheciam. Não lhes era permitido viver da forma que as caracterizava como mulheres, e isso significava não apenas cortar cabelos, como no relato apresentado, mas se despojar de todos os elementos simbólicos e sociais que as caracterizavam como mulheres.

Lutz (1998), ao discorrer sobre os componentes culturais que fazem as classificações de emoções indica a ligação que as emoções e suas expressões têm com as divisões dicotômica de masculino e feminino. O feminino é ligado à natureza e à expressão de sentimentos, como os de cuidado e carinho, e estes não eram vistos como adequados ao momento da guerra. Não podiam usufruir de materiais ligados à expressão de feminilidade e também não podiam expressar seu sofrimento pela perda, “Pois bem!”.

Deste modo, as emoções conflitantes entre a manutenção da feminilidade e a existência como soldados integravam a experiência vivida durante a guerra. Como entende Beatty (2010:437), as emoções devem ser compreendidas como integrantes na experiência, elementos concretos desta e também instrumentos de análise através do qual percebemos o mundo, nas palavras do autor, “Unlike prices and wedding etiquette, they [emotions] are personal and biographical as well as shared; they are of the moment but reference the past; they are ‘in here’ as well as ‘out there’.” (BEATTY:437)

À perda da vida conhecida se somava o conhecimento da guerra e a impossibilidade de existirem como pessoas da forma como se conheciam, a ruptura não era apenas com a vida de paz, mas também com as formas de organização social existentes anteriormente. A emoção de mudança de estágio de vida, para a vida adulta, se somava à necessidade de se reconfigurarem como pessoas, de mulheres para mulheres-soldados, e nessa tensão de posições sociais elas deveriam encarar a guerra.

Essas emoções integravam a vida particular de cada mulher e também o conjunto delas; eram construídas no olhar para o passado irretornável e para o presente de

privações; nos vínculos que as mulheres criavam, umas com as outras e também com seus companheiros homens de combate; na busca por se encontrarem no equilíbrio entre roupa e parafernália militares e alguma expressão de feminilidade a que se apegassem¹². Eram construídas em diálogo com as formas sociais civis e as militares, e também, depois, com a história. Nas relações com o outro buscavam reencontrar o humano que a Guerra suplantava.

Ao criarem vínculos entre elas e se apegarem a elementos que integram a construção do feminino essas mulheres tentavam dar sentido à sua vida na guerra através das emoções de feminilidade e companheirismo, e também amor. Em um ambiente em que o gênero era claramente rejeitado, o apego aos cabelos, sapatos e também a sentimentos representavam um momento de suspiro em que podiam reconhecer sua humanidade através do resgate daquilo que as caracterizava na situação de normalidade perdida.

Por sua duração prolongada e por ser possível se estabelecer uma rotina e ciclos de vida dentro da guerra foi possível se constituir um modo de vida dentro dela. Apesar de existirem escolas militares para meninas, em geral, a vida militar não era parte da cultura das mulheres soviéticas e a necessidade de se envolverem no combate foi uma mudança da existência como conheciam.

Um exemplo da tensão que o entre o feminino e a guerra naquele momento é a questão da menstruação: marco biológico com força social de definir a entrada na vida adulta das mulheres, era um ponto conflitivo para as combatentes. As forças militares não estavam preparadas para recebê-las, de modo que não lhes eram fornecidos materiais de higiene para este momento, transformando-o em problema e em fonte incontornável de constrangimento. Ao mesmo tempo, mulheres lamentavam a ausência da menstruação. Com o estresse e as privações fisiológicas da guerra, muitas paravam de menstruar e para elas isso significava a comprovação irrefutável de que ali não eram mulheres. Ou seja, era um elemento que ao aparecer evidenciava que eram mulheres em uma situação que não as acolhia, e que ao sumir rompia com a normalidade que conheciam e através da qual se posicionavam como pessoas no mundo.

¹² Como as noivas que costuraram seus vestidos de casamento de um paraquedas (ALEKSIÉVITCH, 2016:22) e de ataduras juntadas no decorrer de um mês (ALEKSIÉVITCH, 2016:293).

*Minha especialidade... Minha especialidade eram cortes masculinos...
Chegou uma garota... Eu não sabia como cortar o cabelo dela. Tinha uns cabelos exuberantes,
ondulados. O comandante passou no abrigo:
'Faça um corte de homem.'
'Mas ela é uma mulher.'
'Não, ela é um soldado. Vai voltar a ser mulher depois da guerra.'
Mesmo assim... Mesmo assim, era só o cabelo crescer um pouquinho que eu ia fazer cachos nos
cabelos das meninas. Em vez de bobes, usávamos pinhas... Pinhas secas, de pinheiro... Nem
que fosse só um topetinho... (ALEKSIÉVITCH, 2016:215)*

Apesar de afirmarem que não se sentiam mulheres, os momentos em que se lembravam de serem mulheres são narrados como marcantes. Ao manejarem momentos de negação e de reafirmação do feminino, as combatentes construía pontos de resistência de sua humanidade no contexto da guerra.

Veena Das (1995) desenvolveu o conceito de “evento crítico”¹³, que afirma não definir exatamente, mas que pode ser explicado como acontecimento após o qual novas formas de ação surgem e que redefinem categorias tradicionais da sociedade. Desenvolvido ao analisar o evento da partição da Índia e como este reverberou por décadas após sua ocorrência, a autora o aplica a grandes acontecimentos de violência que tiveram efeitos duradouros nas sociedades em que ocorreram. Deste modo, compreendo que a guerra constitui evento crítico na vida das mulheres da União Soviética, não apenas contemplada após seu término e pelas adaptações sociais que lhe sucederam, mas também quando se observa seu início e o impacto que isso teve na vida das pessoas, especialmente mulheres.

Ao tentarem resgatar aspectos de feminilidade neste ambiente adverso elas também tentavam criar formas para compreender e assimilar a possibilidade de vida feminina no local masculino e de morte. Conhecer esse novo mundo da guerra, que não as aceitava, manter sua feminilidade e ao mesmo tempo realizar atividades pensadas como

¹³ A autora apresenta o conceito no seguinte trecho: “But first let me define what I mean by a critical event. Francois Furet (1978) defined the French revolution as an event par excellence because it instituted a new modality of historical action which was not inscribed in the inventory of that situation. None of the events that I have selected and described as critical compare with the French revolution, but they do have one thing in common with Furet's characterization of that event. This is that, after the events of which I speak, new modes of action came into being which redefined traditional categories such as codes of purity and honour, the meaning of martyrdom, and the construction of a heroic life.” (DAS, 1995:5-6).

essencialmente masculinas, demandou das combatentes mudanças nas compreensões de seus papéis sociais na situação da guerra.

Tratando-se a Guerra como evento crítico, ela provocou reconfigurações das relações sociais enquanto durou e ao terminar. Primeiro demandou o desenvolvimento de novas formas de se compreenderem e de se relacionarem, e, ao terminar, deixou as mulheres sem referências sobre como transitar nesse mundo antigo, mas novo, nessa sociedade que não tinha espaço para sujeitos com suas histórias.

Através das expressões cotidianas de feminilidade elas encontraram formas de se prenderem ao que as fazia compreensíveis no mundo social e a partir disso desenvolveram meios para lidar com as novas dinâmicas que se apresentavam. Ao se agarrarem ao que as identificavam como sujeitos essas mulheres tentavam não se perderem em uma alienação das emoções ou resignação diante da desesperança e morte no evento crítico da Guerra.

Como desenvolve Lutz (1998), nos dualismos com que as sociedades euroamericanas se organizam, as emoções podem ocupar um polo positivo ou um polo negativo, segundo o elemento com que contrastado. Quando oposta à racionalidade e à solução prática de problemas, a emoção é negativamente valorada, demonstrando também a inferioridade daqueles que a expressam. Mas, quando oposta à alienação de sentimentos do mundo, elas são positivamente acentuadas, como aquilo que nos faz humanos. No momento da Guerra, em que a constante exposição a situações de violência e morte favorecia a insensibilização dos sujeitos, o recurso à feminilidade era uma forma de resistência do humano, capaz de sentir e com o potencial para se recuperar, diante dos horrores do evento crítico. O feminino permitia que seus corações não endurecessem.

como era possível, por exemplo, passar anos dormindo em trincheiras inacabadas, ou ao lado de uma fogueira na terra nua, usar botas e capote e, por fim, não rir, não dançar? Não usar vestidos de verão? Esquecer dos sapatos e das flores... E elas tinham dezoito, vinte anos! Estava acostumada a pensar que não há lugar para a vida feminina na guerra. Ali, ela é impossível, quase proibida. Mas eu estava enganada... Bem depressa, já na época dos primeiros encontros, notei: não importa de que as mulheres falassem, até mesmo de morte, sempre se lembravam (sim!) da beleza, que aparecia como uma parte indestrutível de sua existência (...)

Contavam alegremente e com gosto seus ingênuos truques de meninas, seus pequenos segredos, sinais invisíveis, como se, no cotidiano “masculino” da guerra e nos assuntos “masculinos” da guerra, quisessem ainda assim continuar sendo elas mesmas. Sem trair sua natureza. A

memória delas surpreendentemente (já tinham se passado quarenta anos) guardava uma grande quantidade de coisas banais do cotidiano na guerra. Detalhes, nuances, cores e sons. No mundo delas, cotidiano e existência se uniam, e o fluxo da existência era valioso em si mesmo, elas se lembravam da guerra como uma época da vida. Não tanto das ações, mas da vida, e mais de uma vez observei como nas conversas delas o pequeno vencia o grande e até a história. (ALEKSIÉVITCH, 2016:236)

III. O conflito do retorno e o conhecimento venenoso

Certa vez, uma mulher que havia sido piloto recusou-se a se encontrar comigo. Por telefone, explicou: “Não posso... Não quero lembrar. Passei três anos na guerra... E, nesses três anos, não me senti mulher. Meu organismo perdeu a vida. Eu não menstruava, não tinha quase nenhum desejo feminino. E era bonita... Quando meu futuro marido me pediu em casamento... Isso já em Berlim, ao lado do Reichstag... Ele disse: ‘A guerra acabou. Sobrevivemos. Tivemos sorte. Case comigo’. Eu queria chorar. Começar a gritar. Bater nele! Como assim casar? Agora? No meio de tudo isso — casar? No meio da fuligem preta, de tijolos pretos... Olhe para mim... Veja em que estado estou! Primeiro, faça de mim uma mulher: me dê flores, flerte comigo, diga palavras bonitas. Eu quero tanto isso! Esperei tanto! Por pouco não bati nele... Queria bater... Uma de suas bochechas estava queimada, vermelha, e eu vi que ele tinha entendido tudo: desciam lágrimas por essa bochecha. Pelas cicatrizes ainda recentes... E eu mesma não acreditei que estava dizendo: ‘Sim, eu me caso com você’. (ALEKSIÉVITCH, 2016:16)

Deste trecho, localizado no primeiro capítulo – O ser humano é maior que a guerra – podemos perceber a rejeição à lembrança, mas que informa o passado que se quer esquecer. A combatente fala de sua experiência, era mulher na guerra, mas não se sentia como uma; o marco biológico característico da transformação em mulher, a menstruação, havia desaparecido; fala “faça de mim uma mulher”, uma mulher não existe, é feita, construída, através de práticas tradicionais de feminilidade; guerra não é lugar para se falar de amor, mas para ela houve amor e pedido de casamento e a ânsia pelo retorno ao normal.

O fim da guerra significava o retorno à vida civil e ao feminino. Não era apenas o encerramento dos momentos de morte e violência, era também o retorno ao que conheciam. A combatente poderia voltar a ser mulher, ser tratada como uma, e esse momento era visto com misto de antecipação com ansiedade.

Ansiavam por este momento, mas sabiam que o mundo que encontrariam não era o mesmo que haviam deixado. A guerra se apresentava como evento crítico e isso implicava a reconfiguração das relações sociais quando terminasse. As combatentes nem sempre teriam algum lugar, ou alguma família, a qual retornar, mas o retorno à vida civil e à vida como plenamente mulheres, era inevitável. Alguns desafios que essas mulheres encontraram foram a reconstrução de quem eram depois da guerra em conjugação com o antes, a busca pelas relações atingidas e a adequação à sociedade e ao discurso oficial, que nem sempre lhes eram receptivos.

Fomos para o front com dezoito, vinte anos, e voltamos com vinte, 24. No começo era muita alegria, depois o medo: o que vamos fazer na vida civil? Um medo diante da vida em tempos de paz... As amigas da universidade já tinham se formado, e nós? Não estávamos adaptadas a nada, não tínhamos nenhuma formação profissional. Só conhecíamos a guerra, só o que sabíamos fazer era a guerra. (ALEKSIÉVITCH, 2016:156)

Os valores socialmente vigentes permaneceram intocados, de modo que a sociedade pós-guerra não via como adequado que mulheres tivessem vivido isoladas com homens desconhecidos por longos períodos de tempo. Pela grande diversidade dos relatos pode-se encontrar mulheres foram mal recebidas ou simplesmente expulsas por suas famílias e também mulheres que se casaram com companheiros de batalha e tiveram relações felizes. Algumas esconderam que tinham ido à guerra, outras assumiram cargos em escolas militares. Mas em todas pode-se perceber o retorno como momento de readaptação e sofrimento.

Outro conceito desenvolvido por Das (2011) é o de conhecimento venenoso¹⁴. Tratando da reestruturação de dinâmicas de vida necessária após acontecimentos de ruptura, a autora busca compreender como mulheres reconfiguraram suas vidas após o acontecimento, mas sem considera-lo um fato do passado que lá perece. O passado continua se manifestando nas escolhas e na vida das pessoas, e as formas e estratégias de socialização, de construção de vínculos familiares, de trânsito entre regras sociais,

¹⁴ “Mesmo quando parece que algumas mulheres tiveram uma sorte relativa porque escaparam à violência física direta, a memória corporal de estar-com-os-outros faz com que o passado cerque o presente como atmosfera. Isso é o que quero dizer pela importância de descobrir meios de falar sobre a experiência de testemunhar: que se nossa maneira de estar-com-os-outros tiver sido brutalmente estragada, então o passado entra no presente, não necessariamente como memória traumática, mas como conhecimento venenoso. Esse conhecimento pode ser enfrentado apenas pelo conhecimento através do sofrimento.” (DAS, 2011:35).

preservadas ou rompidas, estabelecem a relação entre passado e presente, integrando silêncio e fala na construção de uma narrativa que dê sentido à vida.

Nessa análise o elemento gênero também é essencial: a violência específica da partição da Índia, estudada pela autora, ocasionou ondas de estupros e raptos de mulheres, que depois foram forçadamente devolvidas a suas famílias ou permaneceram na de seus raptos e ali criaram novos laços. Conjugadas com as regras sociais impostas às mulheres naquele contexto social, os efeitos de tal evento crítico demandaram delas um trânsito específico nas regras sociais.

De forma semelhante, as combatentes do livro passaram por situações extremas na qual sua existência como mulheres entrava em atrito com as regras sociais ali aplicadas. Apesar de a sociedade não encarar como adequado às mulheres envolverem-se em combates ou se afastarem de suas famílias, o evento da guerra demandou isto delas. Das elabora que

o eu feminino é construído de acordo com os paradigmas culturais dominantes. Isso é verdade – mas veremos que as representações culturais não são completamente gravadas no eu. Se o contexto social se alterar repentinamente, a própria mulher ou outros no seu mundo social podem evocar uma definição diferente da “necessidade” feminina. Assim, as vidas individuais são definidas pelo contexto, mas são também geradoras de novos contextos. (DAS, 2011:18)

Em alguns casos, as mulheres já estavam envolvidas de alguma forma com atividades tidas como masculinas antes da Guerra (pilota, estudante de colégio militar, ou mesmo ajudar o pai na fazenda exercendo funções masculinas), mas a grande maioria delas seguia o padrão social de feminilidade doméstica e atividade de delicadeza. A Guerra implicou tal mudança no contexto social que o envolvimento nem sempre era uma opção, mas frequentemente um dever.

O trecho de Das antes exposto integra estudo da dinâmica social envolvida na “necessidade” de uma mulher ter um filho e na tentativa de manutenção do vínculo de uma viúva sem filhos com a família com seu falecido marido. Essa mulher acaba se casando novamente, no que é visto como uma violação das regras sociais, mas ela o faz para evitar problemas maiores e fugir das investidas sexuais de um homem da família. Através da busca pela manutenção das relações com o filho da família, que ela tomou por “afilhado”, essa mulher consegue reconstruir os vínculos afetivos com a família que deixou.

Dessa forma a mulher, Asha, rompe com a norma social, mas continua se entendendo dentro desta, como capaz de transitar entre os parâmetros sociais diante da

situação peculiar em que se encontrava. As combatentes, ao se envolverem com a Guerra, romperam com o que era esperado da norma feminina, mas ainda assim conseguiram se manter dentro de parâmetros de dignidade pelos valores que vigiam no período bélico. O dever moral de defender a pátria entrava na balança, contrabalanceando para elas mesmas o rompimento com a família e com as expectativas de gênero.

A mudança para os tempos de paz demandou nova adaptação. O término do conflito retirou importância do dever ético que as tinha motivado inicialmente e o passado de ter estado na Guerra se apresentava na vida dessas mulheres como conhecimento venenoso, mesmo para as que não sofreram sanções familiares com o retorno. A necessidade de se adaptarem à vida civil, reencontrarem profissões, lares e afetos era contaminada pela experiência da guerra, das privações e horrores pelos quais viveram, e que não poderiam esquecer por mais que quisessem.

Em dado relato a combatente afirma que gostaria de poder esquecer a guerra, pois assim poderia viver um dia que fosse sem guerra¹⁵. Entendo que este torna óbvio a característica de conhecimento venenoso: a guerra permanece com as pessoas que a viveram, e todas as relações que estabelecerem será através desse filtro do passado. A tentativa de esquecer, sabendo-se que nunca será bem-sucedida, caracteriza as relações com o evento crítico. O silêncio que não se constitui em esquecimento, que informa, e a impossibilidade de iniciar relações do zero são efeitos do conhecimento venenoso que podem ser percebidos nestes relatos.

Enquanto na pesquisa de Das o rompimento e a reparação com a norma se apresenta como forma de resolução frente ao evento crítico, no caso das combatentes esse trânsito entre as normas sociais ocorreu durante e após o evento crítico. Como no próximo relato, em que a entrevistada se chocou ao ver seu papel social passar de heroico para desonroso e em que seu passado como combatente contaminava qualquer tentativa de aproximação com a família do marido.

Fomos para Kínechma, no distrito de Ivánov, ver os pais dele. Eu estava indo como uma heroína, nunca tinha pensado que podiam receber uma garota do front daquele jeito. Já tínhamos passado por tanto, salvado os filhos para aquelas mães, os maridos para aquelas mulheres. E de repente... Conheci o que são ofensas, escutava injúrias. Até então era só: 'irmãzinha do coração', 'irmãzinha querida', não escutava nada além disso. E eu não era qualquer uma, era bonitinha. Tinha ganhado uma farda nova.

¹⁵ ALEKSIÉVITCH, 2016:143.

À noite nos sentamos para tomar chá, a mãe levou o filho para a cozinha e chorou: ‘Com quem você casou? Uma do front... Você tem duas irmãs mais novas. Quem vai casar com elas?’. Mesmo agora, quando me lembro disso, dá vontade de chorar. Imagine: eu tinha levado um disquinho que adorava. Nele, tinha a seguinte letra: ‘e você tem o direito de usar os sapatos na última moda’... Falava de uma garota do front. Eu pus o disco, veio a irmã mais velha e o quebrou na minha frente; disse: ‘vocês não têm direito nenhum’. Eles destruíram todas as minhas fotos do front... Ah, meu bem, não há palavras para isso. Eu não tenho palavras... (ALEKSIÉVITCH, 2016:387)

Eles demandavam que ela apagasse a Guerra, algo impossível, de modo que mera presença de elementos que remontassem ao passado já era afronta suficiente a ser combatida. Por mais que destruíssem os objetos remetentes à guerra e as lembranças materializadas em fotos, a memória da combatente e sua relação com a família do marido permaneciam sendo pautados pelo seu passado como combatente.

Existiram outras formas de se esquecer-sem-esquecer a guerra, como a mulher que afirmou buscar sempre estar muito ocupada no Dia da Vitória para não ter que participar das comemorações¹⁶, a ojeriza a objetos vermelhos¹⁷, e a artefatos bélicos¹⁸, pela absoluta rejeição a qualquer veste masculina¹⁹ e pelo silêncio sobre o que se viveu.

No mesmo artigo, Das apresenta o “descenso ao cotidiano”²⁰ como forma de se trabalhar a vida com o conhecimento venenoso, “A figura de Asha mostra a criação do sujeito com gênero pelo envolvimento com um conhecimento que é igualmente venenoso, mas é tratado pelo trabalho cotidiano de correção.” (DAS, 2011:16). O trabalho cotidiano significava a reconstrução das relações, com paciência para deixar o tempo agir, sem pretender grandes atos discursivos, mas reocupando as posições sociais e recriando laços através do trabalho contínuo por isso.

Ao retomarem as posições sociais femininas, na medida em que era possível, essas mulheres trabalharam para recompor suas vidas com o conhecimento venenoso de terem lutado na guerra. Reassumirem o papel de mãe, de dar à luz²¹, o ápice do que a sociedade considera papel feminino, foi uma forma eficaz, pelos relatos, de reocupar a sociedade civil, de aceitar novamente sua função de mulher ali, finalmente conciliando a

¹⁶ ALEKSIÉVITCH, 2016:389

¹⁷ ALEKSIÉVITCH, 2016:376

¹⁸ ALEKSIÉVITCH, 2016:389

¹⁹ ALEKSIÉVITCH, 2016:251

²⁰ DAS, 2011:16

²¹ ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 187

transgressão à regra do passado com a conformação que lhes era exigida. Lidando com passado transgressor das regras de gênero através do esforço para ocupar novamente o papel feminino “normal”, reorganizando suas relações danificadas de modo irremediável pela Guerra. As formas como isso acontecia foram diversas, algumas esconderam o passado, outras o transformaram em anedotas familiares, mas o apagamento do sofrimento, a lavagem da vida na guerra para que apenas o discurso heroico restasse, o praticado na construção do discurso oficial, foi o que mais se pôde perceber.

Fui para a guerra depois do meu marido... Deixei minha filha com minha sogra, mas logo ela morreu. Meu marido tinha uma irmã, e ela abrigou a menina. Depois da guerra, quando recebi baixa, ela não queria devolver minha menina. Dizia algo como você não pode ter filhas, já que abandonou essa tão pequena e foi combater. Como uma mãe larga sua filha pequena, e ainda por cima tão desamparada? Voltei da guerra, minha filha já tinha sete anos, eu a deixei quando tinha três. Veio me encontrar uma menina crescida. (...)

Eu sempre me lembrava da minha filha no front, não me esquecia dela por um minuto, sonhava com ela. Chorava por não ler histórias para ela à noite, porque iria dormir e acordar sem mim... Outra pessoa faria as trancinhas dela... Não guardava mágoas da minha cunhada. Eu entendia... Ela amava muito o irmão, (...). E ele morreu. Ela não queria entregar o que tinha sobrado dele. A última coisa. E era uma dessas mulheres para quem a família, os filhos, são o que há de mais importante na vida. Bombardeios, fogo inimigo, e ela só pensava em uma coisa: como não deram banho nessa criança hoje? Não posso julgá-la...

Ela dizia que eu era cruel... Que não tinha alma feminina... Mas nós sofriamos muito na guerra. Sem família, sem casa, sem filhos... Muitos deixaram os filhos em casa, não fui só eu.

Ficávamos sentados sob um paraquedas, esperando a missão. Os homens fumavam, jogavam dominó, e nós, enquanto não havia mísseis para o voo, ficávamos sentadas, bordando lenços. Continuávamos sendo mulheres. Sabe, minha navegadora. Ela queria mandar uma fotografia para casa, então nós – alguém conseguiu um lenço – nós amarramos esse lenço nela para que as dragonas não aparecessem e escondemos a guimnastiorka com o cobertor. Parecia que ela estava de vestido... Assim tiramos a foto. Era a fotografia preferida dela...

Eu e minha filha fizemos amizade... Ficamos amigas por toda a vida...” (ALEKSIÉVITCH, 2016:347)

A vida na guerra como sofrimento era apresentada para a jornalista em momentos de intimidade, após mostrarem retratos antigos e tomarem chá. Era lembrada e comentada da mesma forma que são os grandes acontecimentos da vida privada são. Suas marcas tratadas como sofrimentos integrados às práticas cotidianas e às opções de vida que essas

mulheres adotaram. A descida ao cotidiano, levar a Guerra ao nível do cotidiano, assim como a manutenção do feminino dentro dela também se deu no espectro da resistência do cotidiano e dos ciclos de vida, foi a forma com que essas mulheres lidaram com este conhecimento venenoso.

IV. Narrativas e silêncios na construção do sujeito

Lá mesmo, em Moscou, no Dia da Vitória, me encontrei com Olga Iákovlevna Oméltchenko. Todas as mulheres usavam vestidos de primavera, lenços claros, e ela estava de farda militar e boina. Era alta, forte. Não falou e não chorou. Passou o tempo todo calada, mas era um tipo de silêncio especial: suspeitava de que falava mais com o silêncio do que com palavras. Parecia falar consigo mesma o tempo todo. Já não precisava de mais ninguém. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 180)

Por ser um livro de relatos a questão sobre o contar e o não contar, reviver experiências dolorosas e o custo emocional e social disso, também é um ponto discutido. A II Guerra Mundial é objeto de diversos textos de memórias, especialmente na busca da reconstrução da experiência daqueles que foram objeto de perseguição pelo regime nazista. A situação que, de tão dolorosa foi objeto de silêncio por décadas²², eventualmente passou para a esfera dos discursos. Obras de memórias, diários e filmes ingressaram no universo da grande produção cultural, com os mais diversos objetivos discursivos, como consolidar um vencedor e um vilão, escusar ou punir algum sujeito histórico, repintar a história para que se consolidasse de tal maneira e etc.

Ao buscar os relatos das combatentes a autora vai contra a história oficial e desenterra memórias que aquelas mulheres muitas vezes haviam silenciado ou reduzido. Algumas mulheres rejeitavam a possibilidade de retornar a esse passado, outras ansiavam por falar.

Como analisa Pollak (2010:35), através de relatos sobre acontecimentos passados é possível se analisar aspectos da gestão da memória. Momentos em que o silêncio é amparado em um pretense esquecimento, mas, ao mesmo tempo, este silêncio participa da construção da memória junto de outros elementos, como com quem se fala e a realidade que se quer construir. Em situação na qual não seria interessante retomar este passado ele permanece silenciado, mas não necessariamente esquecido.

²² O acontecimento do Holocausto por muito tempo não conseguiu adentrar o nível do compreensível por palavras, daquilo que poderia integrar a vida humana e ser expressado em suas palavras e histórias, no sentido elaborado por Veena Das, em “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo”, 1999.

Os silêncios em relação à Guerra são obrigados em determinadas relações pessoais, em que a mulher sofreria preconceito por seu passado. Ao encontrar com a jornalista há o alívio de finalmente poderem falar, pois ficaram em silêncio por tempo demais e ali se sentem confortadas. Em outros casos, o silêncio significa compreensão: se casar com um companheiro de front significava não precisar explicar o passado ou a origem de certos sentimentos e posturas. O silêncio em relação aos aspectos mais humanos da guerra, aquilo que a autora buscava, aparece quando a situação da conversa é menos íntima. Quanto maior a plateia, mais oficial e heroico o discurso.

Isso não significa que um relato seja verdadeiro e outro falso, mas demonstra que “histórias e memórias devem ser relacionadas aos lugares de sua produção tanto quanto aos públicos aos quais são destinadas” (POLLAK, 2010:12). O discurso oficial idealizado instrumentaliza certos sentimentos, e o relato pessoal outros. Os sentimentos de orgulho e paixão patriótica que impulsionaram muitas dessas mulheres para o combate não se destinava apenas ao nível público, mas também à esfera privada. Esse sentimento justificava em suas vidas pessoais que rompessem com as expectativas tradicionalmente femininas e fossem para a guerra, e são a explicação para que um acontecimento lido por aquela população o como desonroso – a participação de mulheres na guerra – seja soterrado por outra história.

Como colocam ABU-LUGHOD e LUTZ (1990:13), ao se encarar os discursos emocionais como fatos sociais estes sentimentos são retirados do âmbito do subjetivismo e levados para a esfera de esclarecedores das relações sociais no qual são criados. O “humano” dos relatos, como a autora coloca, surge em situações de intimidade, os depoimentos eram colhidos em salas e cozinhas, envoltos em fotos de família e momentos do cotidiano. Nestes momentos as mulheres reconhecem a guerra como integrante de suas emoções, e contam histórias que evocavam sentimentos e relações cotidianas. O discurso instrumentalizado nestes momentos não envolve apenas palavras e a autora lamenta poder gravar apenas as entonações e os silêncios²³, não sendo capaz de capturar os olhares e o embaraço, um momento em que a emoção se apresenta como experiência corporificada²⁴.

As emoções são perceptíveis não apenas no momento dos discursos. Na construção da memória, alguns fatos reverberam mais com algumas pessoas, e as lembranças são gravadas de forma diversa. O subjetivismo e as emoções evocadas são

²³ ALEKSIÉVITCH, 2016:139.

²⁴ ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990:14.

essenciais na criação da memória, a revelada e a subterrânea. Ao entrevistar um casal de combatentes, o marido afirmou o seguinte:

“Nós temos duas guerras... Isso é um fato...(...) Começamos a nos lembrar e eu sinto que ela está lembrando da guerra dela, e eu da minha. Eu também tive coisas assim, como isso que ela contou... (...) Mas não me lembro disso. Passou batido... Na época isso parecia bobagem. Ninharia. (ALEKSIÉVITCH, 2016:139) (LEVA ISSO PRO PRIMEIRO TÓPICO?)

Mais do que representarem emoções diferentes, os diferentes acontecimentos sociais se integram à memória em relação com componentes sociais. Ainda conforme Pollak (2010:12), as entrevistas individuais revelam ligações com o passado que se diferenciam segundo aspectos sociais. O fato do sentimento e dos acontecimentos cotidianos não integrarem emoções valorizadas pelos homens fez com que não ficassem inscritos em suas memórias.

A memória integra a subjetividade e é fortemente influenciada pelo gênero, ao mesmo tempo em que trabalha na construção pessoal deste. Só conseguimos pensar em um futuro porque temos as referências passadas da memória. As narrativas são eminentemente femininas porque esses acontecimentos evocam emoções compatíveis com as construções sociais de que são feitas as mulheres. As memórias, assim como os discursos, são diretamente relacionadas às relações sociais dentre as quais são produzidas e narradas.

Como a obra apresenta grande número de entrevistas, existem diversos pormenores e sentimentos que divergem entre si, mas ainda assim é possível encontrar nas ligações que são estabelecidas com o passado elementos suficientes para se definir estes grupos e a memória coletiva da qual participam (2010:11-12). Lembrar é permanecer, a Guerra não existe apenas na memória daqueles que a viveram, mas continua em suas vidas, nas relações que foram impactadas por ela e na busca por soluções conciliatórias entre os três tempos que relatam: o passado antes da guerra, a vida na guerra e a vida após a guerra

Ainda segundo os relatos de vida são instrumentos de construção da identidade; ao apresentar o relato também se está ordenando crônica e logicamente o passado, atribuindo sentido a ele e à trajetória que o levou até o momento do depoimento (POLLAK, 2010:45). Apesar de afirmarem terem se mantido caladas sobre o sofrimento da guerra, essas mulheres não o esqueceram, construíram sua identidade na conjugação

entre o quanto aderiam ao discurso oficial e o quanto se apegavam ao que silenciavam. A emoção não é puramente subjetiva, é também social, e a construção da emoção perante a guerra, a vida na guerra e a vida após a guerra era tão construtora de subjetividade como reveladora de aspectos sociais.

Você experimenta dizer, depois quem vai lhe dar um emprego, quem vai casar com você? Ficávamos caladas feito peixes. Não confessávamos para ninguém que tínhamos lutado no front. Mantivemos a ligação entre nós, trocávamos cartas. Depois de trinta anos começaram a nos homenagear... Convidavam para encontros... No começo nos escondíamos, não usávamos nem as medalhas. Os homens usavam, as mulheres não. Os homens eram vencedores, heróis, noivos, a guerra era deles; já para nós, olhavam com outros olhos. Era completamente diferente... Vou lhe dizer, tomaram a vitória de nós. Na surdina, trocaram pela felicidade feminina comum. Não dividiram a vitória conosco. Isso era ofensivo... (ALEKSIÉVITCH, 2016:156)

V. Conclusão

Quando optei por analisar um livro que compila múltiplos relatos me deparei com grande diversidade de sentimentos e sensações, todos ligados a um acontecimento e uma vivência social comum. Pretendendo usar os parâmetros da antropologia do sofrimento, tornou-se impossível não utilizar mais de uma construção dessa área.

O estabelecimento de uma linha de desenvolvimento entre o momento da Guerra, o momento do retorno, e a gestão das memórias anos depois é apenas uma maneira de se analisar os relatos apresentados, diversa da ordem estabelecida pela própria autora. Não pretendia esgotar as possibilidades da obra em questão, mas mostrar como a presença das emoções e as possibilidades de se analisar o sofrimento por vieses não puramente subjetivos, compreendendo a relevância do contexto social em que são manejados e utilizados nas construções de relações. A obra não se prestava originalmente a ser objeto de uma análise antropológica, mas sim de ser uma análise em si mesma, de um momento histórico e social pouco abordado, e por um viés ativamente desconsiderado – o feminino.

Espero ter deixado claro como os conceitos de evento crítico, conhecimento venenoso e memória se aplicam aos relatos e testemunhos apresentados, que, apesar da não constituírem uma biografia, revelam muito sobre a vida comum das mulheres soviéticas do período da Segunda Guerra Mundial.

A relação entre o que faz gênero e o que faz humano, as formas de construção de vínculos e relações após um evento socialmente transformador e a gestão da memória nessa nova-antiga estrutura social foram analisados no artigo, com intenção de construir um vínculo entre passado e presente nos relatos apresentados. O passado que não termina, mas continua influenciando as relações, o silêncio que não significa ausência e as formas de construção de memórias.

A tensão entre exercício do papel em que se reconhecem como sujeito genericado e a situação de guerra, transitando entre todas as regras sociais aplicáveis a cada situação, moldou a experiência de vida dessas mulheres durante a guerra e se manteve com elas após o término do conflito. O fato de diversos detalhes serem acessíveis mesmo décadas após os acontecimentos demonstra como esses acontecimentos se conjugaram com as emoções das combatentes, a partir das quais elas desenharam um novo futuro na vida civil.

VI. Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine A. 1990. "Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life". In: C. A. Lutz e L. Abu-Lughod (eds.), *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Editora Companhia das Letras, 2016.

BEATTY, Andrew. How did it feel for you? Emotion, narrative, and the limits of ethnography. **American Anthropologist**, v. 112, n. 3, p. 430-443, 2010

DAS, Veena. **Critical events: an anthropological perspective on contemporary India**. Delhi: Oxford University Press, 1995.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 14, n. 40, p. 31-42, 1999.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **cadernos pagu**, n. 37, p. 9-41, 2011.

LUTZ, Catherine A. **Unnatural emotions: Everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory**. University of Chicago Press, 2011.

POLLAK, Michael. A gestão do indizível. **WebMosaica**, v. 2, n. 1, 2010.